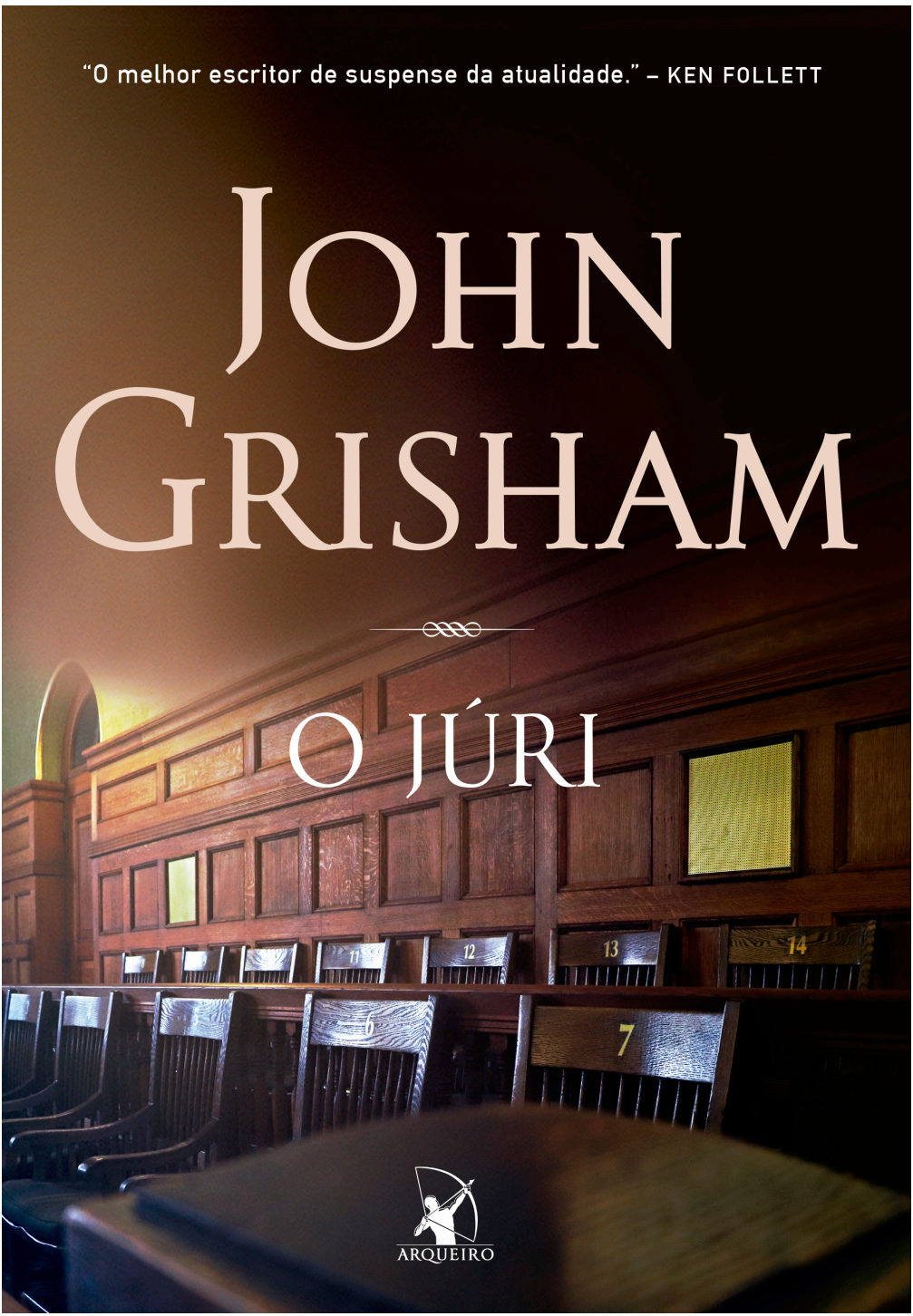
"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT

JOHN GRISHAM

O JÚRI



ARQUEIRO

O JÚRI

1

O rosto de Nicholas Easter estava ligeiramente escondido por uma estante repleta de telefones sem fio compactos, e ele não estava olhando diretamente para a câmera escondida que o fotografava, mas para algum lugar à esquerda, talvez para um cliente, talvez para um balcão diante do qual um grupo de crianças se aglomerava para ver os jogos eletrônicos asiáticos mais recentes. Embora tirada a uma distância de 40 metros por um homem que se esquivava da intensa movimentação de pessoas no shopping, a foto era nítida e mostrava um rosto bonito, bem barbeado, com traços marcantes e um olhar de bom moço. Easter tinha 27 anos, eles sabiam disso. Não usava óculos. Não tinha piercing no nariz nem um corte de cabelo estranho. Nada que indicasse que era um dos típicos nerds de computador que trabalhavam na loja recebendo cinco dólares por hora. Sua ficha dizia que ele trabalhavam lá havia quatro meses e que se dividia entre o emprego e a faculdade, apesar de nenhum registro de matrícula ter sido encontrado em qualquer instituição em um raio de 500 quilômetros. Ele estava mentindo sobre isso, não tinham dúvida.

Só podia estar mentindo. As informações deles eram muito confiáveis. Se o garoto estivesse na faculdade, saberiam em qual, desde quando, em qual área, se as notas eram boas ou ruins. Eles saberiam. O rapaz era atendente em uma Computer Hut de shopping. Nem mais, nem menos. Talvez planejasse se matricular em algum lugar. Talvez tivesse entrado e saído, mas ainda gostasse de dizer que era estudante de meio período.

Talvez isso o fizesse se sentir melhor, proporcionasse um senso de propósito, soasse bem.

Mas ele não era, nem nunca fora em qualquer momento do passado recente, estudante de coisa nenhuma. Portanto, seria possível confiar nele? Isso já havia sido levantado na sala duas vezes, cada vez que o nome de Easter despontava na lista principal e seu rosto aparecia na tela. Já estava quase decidido que aquilo era uma mentira inofensiva.

Ele não fumava. A loja tinha uma política severa de proibição ao fumo, mas ele fora visto (não fotografado) comendo um taco no Food Garden com uma colega de trabalho que fumou dois cigarros enquanto tomava uma limonada. Easter não pareceu se importar. Pelo menos, não era um antitabagista fanático.

O rosto na foto era magro e bronzeado, e mostrava um sorrisinho de lábios fechados. Por baixo do casaco vermelho da loja, ele vestia uma camisa branca de colarinho sem botões e uma gravata listrada de bom gosto. Parecia elegante e em forma, e o sujeito que tirou a foto chegou a falar com Nicholas enquanto fingia comprar um dispositivo obsoleto; relatou que ele era articulado, prestativo, experiente, um bom rapaz. O crachá identificava Easter como "cogerente", mas outros dois funcionários com o mesmo cargo haviam sido vistos na loja naquele mesmo momento.

No dia seguinte à foto, uma jovem atraente vestindo uma calça jeans entrou na loja e, enquanto caminhava pela seção de softwares, acendeu um cigarro. Por acaso, Nicholas Easter era o atendente, ou o cogerente, ou o que quer que fosse, que estava mais perto, então aproximou-se educadamente da mulher e pediu que apagasse o cigarro. Ela fingiu decepcionar-se e ficar ofendida com o pedido, e o provocou. Ele manteve a postura diplomática e explicou que a loja tinha uma política estrita de proibição ao fumo. Ela poderia fumar em qualquer outro lugar. "O cigarro te incomoda?", perguntou a mulher, dando uma tragada. "Na verdade, não", respondeu Easter. "Mas incomoda o dono desta loja." Ele lhe pediu mais uma vez que o apagasse. Ela explicou que queria comprar um rádio digital novo, então será que ele poderia arrumar um cinzeiro? Nicholas pegou uma lata de refrigerante vazia debaixo do balcão, ela lhe entregou o cigarro e ele o apagou. Ficaram falando sobre rádios por vinte minutos, enquanto a mulher não conseguia se decidir. Ela flertou descaradamente com o rapaz, que gostou. Depois de pagar pelo rádio, ela lhe deu seu número de telefone. Ele prometeu ligar.

A cena durou vinte e quatro minutos e foi capturada por um pequeno gravador escondido na bolsa dela. A fita havia sido reproduzida nas duas vezes que o rosto dele fora projetado na parede e estudado pelos advogados e especialistas a serviço deles. O relatório da mulher sobre aquela interação estava no dossiê: seis páginas datilografadas com suas observações sobre tudo, desde o tênis dele (um Nike velho) até seu hálito (chiclete de canela), seu vocabulário (nível universitário) e a forma como ele lidara com a questão do cigarro. Na opinião dela – e ela tinha experiência no assunto –, Easter nunca havia fumado.

Eles ouviram seu agradável tom de voz, seu discurso de vendedor e seu papo furado galanteador e gostaram do rapaz. Era inteligente e não detestava cigarros. Não chegava a ser um jurado-modelo, mas certamente era alguém a se observar. O problema com Easter, o jurado em potencial número 56, era que se sabia muito pouco sobre ele. Estava claro que tinha chegado à Costa do Golfo havia menos de um ano, mas eles não faziam ideia de onde viera. Seu passado era uma completa incógnita. Ele morava em um quarto e sala alugado a oito quarteirões do tribunal de Biloxi – eles tinham fotos do prédio – e, no início, trabalhou como garçom em um cassino na praia. Ascendeu rapidamente ao posto de crupiê de vinte e um, mas pediu demissão após dois meses.

Assim que o Mississippi legalizou o jogo, da noite para o dia surgiram mais de dez cassinos ao longo da costa, e uma nova onda de prosperidade bateu com força. Os candidatos a uma vaga de emprego vinham de todos os cantos e, portanto, era seguro presumir que Nicholas Easter havia chegado a Biloxi pelo mesmo motivo que outras dez mil pessoas. A única coisa estranha em relação à sua mudança era o fato de ele ter se registrado para votar com muita rapidez.

Ele tinha um fusca ano 1969, e uma foto do veículo foi projetada na parede, tomando o lugar de seu rosto. Nenhuma surpresa. Aos 27 anos, solteiro e supostamente estudante em meio período, era o tipo perfeito para dirigir um carro daqueles. Sem adesivos. Sem nada que indicasse orientação política, consciência social ou time de coração. Nenhum selo de estacionamento da faculdade. Nem mesmo um decalque desbotado da concessionária. O carro não transmitia mensagem nenhuma, pelo que viam. Pelo menos, nada além de que ele era um jovem sem muito dinheiro.

O homem que operava o projetor e que falava a maior parte do tempo

era Carl Nussman, um advogado de Chicago que não exercia mais a advocacia, mas, em vez disso, comandava sua própria consultoria de júri. Por uma pequena fortuna, Carl Nussman e sua empresa poderiam escolher o júri certo para você. Eles coletavam os dados, tiravam as fotos, gravavam as vozes, mandavam as louras vestindo calça jeans justa para os locais certos. Carl e seus advogados desafiavam os limites da lei e da ética, mas era impossível pegá-los. Afinal, não havia nada de ilegal ou antiético em fotografar jurados em potencial. Tinham feito pesquisas por telefone à exaustão no condado de Harrison seis meses atrás, depois dois meses atrás e, de novo, um mês atrás, para mensurar a opinião da comunidade em relação a questões sobre o tabaco e estabelecer modelos de jurados perfeitos. Não deixaram nenhuma foto por tirar, nenhum podre por desenterrar. Eles tinham um dossiê de cada jurado em potencial.

Carl apertou um botão e o fusca foi substituído pela foto inócua de um prédio com a pintura descascada, o lugar onde Nicholas Easter morava. Em seguida, outro clique, e o rosto voltou à tela.

– Então, só temos três fotos do número 56 – disse Carl com um tom de frustração enquanto se virava e olhava para o fotógrafo, um de seus incontáveis bisbilhoteiros particulares, que havia lhe explicado que simplesmente não conseguia pegar o garoto sem acabar, ele mesmo, sendo pego.

O fotógrafo estava sentado em uma cadeira junto à parede do fundo, de frente para a comprida mesa de advogados, assistentes e especialistas em júris; estava entediado e louco para ir embora dali. Eram sete horas da noite de uma sexta-feira. O jurado em potencial projetado era o número 56, de modo que ainda faltavam mais 140 candidatos. O fim de semana seria um suplício. Ele precisava beber alguma coisa.

Meia dúzia de advogados de camisa amassada e mangas arregaçadas fazia anotações intermináveis e olhava de vez em quando para o rosto de Nicholas Easter às costas de Carl. Especialistas em júri de quase todo tipo – psiquiatras, sociólogos, peritos em caligrafia, professores de Direito e por aí vai – remexiam papéis e folheavam relatórios impressos de um dedo de espessura. Eles não sabiam o que fazer com Easter. Era mentiroso e estava escondendo seu passado, mas no papel e na tela parecia razoável.

Talvez ele não estivesse mentindo. Talvez tivesse estudado em alguma faculdade barata do leste do Arizona no ano anterior e eles simplesmente tivessem deixado isso passar.

"Pega leve com o garoto", pensou o fotógrafo, mas guardou a opinião para si. Naquela sala cheia de engravatados bem formados e bem pagos, ele era o último cujo parecer seria levado em conta. Não era seu trabalho dizer uma só palavra.

Carl pigarreou enquanto olhava mais uma vez para o fotógrafo, depois disse:

– Número 57.

O rosto suado de uma jovem mãe reluziu na parede, e pelo menos duas pessoas na sala deixaram escapar um risinho.

– Traci Wilkes – anunciou Carl, como se Traci agora fosse uma velha amiga.

Papéis foram ligeiramente movidos ao redor da mesa.

– Trinta e três anos, casada, mãe de dois filhos, esposa de um médico, sócia de dois country clubs, de duas academias e de uma lista enorme de associações. – Carl recitou tudo isso de cabeça enquanto girava o botão do projetor.

O rosto corado de Traci foi substituído por uma foto dela correndo pela calçada, toda atraente com uma roupa de lycra rosa e preta, Reeboks imaculados e uma viseira branca logo acima dos óculos de sol esportivos reflexivos mais modernos, seu cabelo comprido preso em um rabo de cavalo charmoso e impecável. Estava empurrando um carrinho com um bebê pequeno dentro. Para Traci, suor era vida. Ela estava bronzeada e em forma, mas não propriamente tão magra quanto seria de se esperar. Tinha alguns maus hábitos. Outra foto de Traci em sua perua Mercedes preta, com crianças e cachorros despontando de todas as janelas. Outra de Traci colocando sacolas de compras no mesmo carro, usando outro tênis e um short justinho, o típico visual de alguém que quer parecer atlético o tempo todo. Havia sido fácil segui-la porque estava sempre ocupada até a exaustão e nunca ficava parada por tempo suficiente para observar à sua volta.

Carl repassou as fotos da casa dos Wilkes, uma enorme construção residencial de três andares que gritava "médico" por todos os lados. Não perdeu tempo com elas, tendo guardado o melhor para o final. Foi quando Traci reapareceu, mais uma vez encharcada de suor, uma bicicleta cara deitada na grama a seu lado; ela estava sentada debaixo de uma árvore em um parque, longe de todo mundo, parcialmente encoberta e… fumando um cigarro!

O mesmo fotógrafo abriu um sorriso de orelha a orelha. Aquela foto tirada a 100 metros de distância da esposa do médico fumando escondida

havia sido o seu melhor trabalho. Não fazia ideia de que ela fumava, apenas aconteceu de ele mesmo estar distraído fumando um cigarro perto de uma passarela quando a mulher passou correndo. Vagou pelo parque por meia hora, até que a viu parar e enfiar a mão no alforje da bicicleta. O clima na sala ficou mais leve por um breve instante, enquanto todos observavam Traci junto à árvore. Então, Carl disse:

– Certamente vamos escolher a número 57.

Fez uma anotação em uma folha, depois tomou um gole de café velho em um copinho de papel. Claro que ele escolheria Traci Wilkes! Quem não ia querer a esposa de um médico no júri quando os advogados da reclamante estavam pedindo milhões? Carl só queria esposas de médicos, mas isso não seria possível. O fato de Traci também gostar de um cigarrinho era só um pequeno bônus.

O número 58 era um estivador de Ingalls, Pascagoula: 50 anos, branco, divorciado, tesoureiro do sindicato. Carl projetou uma foto da picape Ford do sujeito na parede e estava prestes a fazer um resumo da vida dele quando a porta se abriu e o Sr. Rankin Fitch entrou na sala. Carl parou de falar. Os advogados se ajeitaram em suas cadeiras e pareceram ficar hipnotizados pela picape. Escreviam vigorosamente em seus blocos, como se nunca mais fossem ver de novo aquele veículo. Os consultores também se puseram em ação e todos começaram a fazer anotações com ar de seriedade, tomando sempre o cuidado de não olhar para o homem.

Fitch estava de volta. Fitch estava na sala.

Ele fechou lentamente a porta depois de entrar, deu alguns passos em direção à ponta da mesa e olhou para todos que estavam sentados. Foi mais uma encarada do que uma olhada. A pele inchada ao redor de seus olhos escuros se comprimiu para dentro. As rugas profundas em toda a extensão da testa se contraíram. Seu peito robusto se expandia e se retesava lentamente e, por um ou dois segundos, Fitch era o único a respirar. Seus lábios se afastavam para comer e beber, eventualmente para falar, jamais para sorrir.

Fitch estava com raiva, como sempre. Não havia nada de novo nisso, porque mesmo quando dormia se mantinha em estado de agressividade. Será que ele ia proferir xingamentos e ameaças, atirar objetos, ou apenas espumaria por dentro? Com Fitch, nunca dava para saber. Ele parou na ponta da mesa, entre dois jovens advogados que recebiam confortáveis cifras anuais de seis dígitos, eram membros daquele escritório, estavam na sala

deles e no prédio deles. Fitch, por sua vez, era um estranho de Washington, um intruso que rosnava e latia pelos corredores havia um mês. Os dois jovens advogados não ousaram olhar para ele.

– Qual é o número? – perguntou Fitch para Carl.

– Cinquenta e oito – respondeu Carl de pronto, ansioso por agradar.

– Volta para o 56 – exigiu Fitch, e Carl foi clicando apressadamente até que o rosto de Nicholas Easter estivesse mais uma vez na parede.

Novamente os papéis foram remexidos ao longo da mesa.

– O que você sabe? – perguntou Fitch.

– O mesmo de antes – disse Carl, desviando o olhar.

– Que ótimo. Dos 196, quantos ainda são um mistério?

– Oito.

Fitch bufou e balançou a cabeça devagar, e todos esperaram por uma explosão. Em vez disso, ele alisou lentamente, por alguns segundos, seu cavanhaque grisalho meticulosamente aparado, olhou para Carl, deixou que a gravidade do momento se instalasse e disse:

– Vocês vão ficar trabalhando até meia-noite, e depois vão voltar às sete da manhã. No domingo, a mesma coisa.

Dito isso, ele deu meia-volta com seu corpo rechonchudo e saiu da sala.

A porta bateu. A atmosfera ficou consideravelmente mais leve; então, em sincronia, os advogados, os consultores de júri, Carl e todos os demais olharam para seus relógios. Eles tinham acabado de receber a ordem de passar 39 das próximas 53 horas naquela sala, olhando para fotos ampliadas de rostos que já haviam visto, decorando nomes, datas de nascimento e informações vitais de quase duzentas pessoas.

E não restava a menor dúvida em qualquer ponto da sala de que todo mundo faria exatamente o que tinha sido ordenado. Não havia sombra de dúvida.

FITCH DESCEU AS ESCADAS em direção ao primeiro andar do edifício, onde seu motorista, um sujeito corpulento chamado José, o aguardava. O chofer usava um terno preto, botas pretas de caubói e um par de óculos de sol preto que ele só tirava quando tomava banho ou ia dormir. Fitch abriu uma porta sem bater antes e interrompeu uma reunião que estava em andamento havia horas. Quatro advogados e sua diversificada equipe de

apoio assistiam aos depoimentos em vídeo das primeiras testemunhas da reclamante. A fita parou poucos segundos depois de Fitch entrar. Ele falou brevemente com um dos advogados e saiu. José o seguiu por uma estreita biblioteca até outro corredor, onde ele escancarou outra porta e assustou outro grupo de advogados.

Com oitenta advogados, o Whitney & Cable & White era o maior escritório da Costa do Golfo. Havia sido escolhido a dedo pelo próprio Fitch e, graças a essa escolha, receberia milhões em honorários. Para fazer jus ao dinheiro, porém, o escritório tinha que aturar a tirania e a crueldade de Rankin Fitch.

Quando ficou satisfeito com o fato de que o edifício inteiro estava ciente de sua presença e apavorado com a sua movimentação, Fitch saiu. Parou na calçada, no ar abafado de outubro, e esperou José. A três quarteirões de distância, na metade superior da antiga sede de um banco, ele podia ver um conjunto de escritórios todo iluminado. O inimigo ainda estava trabalhando. Os advogados da reclamante estavam lá, amontoados em diversas salas, fazendo reuniões com especialistas, observando fotos granuladas e fazendo praticamente as mesmas coisas que o seu pessoal. O julgamento começaria na segunda-feira, com a escolha do júri, e ele sabia que os outros também estavam passando e repassando nomes e rostos e se perguntando quem diabos era Nicholas Easter e de onde tinha saído. E Ramon Caro, Lucas Miller, Andrew Lamb, Barbara Furrow e Delores DeBoe? Quem eram aquelas pessoas? Só mesmo em um lugar parado no tempo como o Mississippi havia listas tão desatualizadas de jurados em potencial. Fitch ficara a cargo da defesa em oito casos antes deste, em oito estados diferentes, onde se usavam computadores e as listas eram depuradas, de modo que, quando os escrivães lhe entregavam a lista de jurados, você não precisava se preocupar em conferir quem estava morto e quem não estava.

Ficou olhando fixamente para as luzes ao longe e se perguntando como aqueles tubarões gananciosos repartiriam o dinheiro, se por acaso ganhassem. Qual a probabilidade de eles chegarem a um acordo sobre como dividir a carcaça ensanguentada? O julgamento seria um leve desentendimento em comparação com o massacre que aconteceria caso eles obtivessem veredito favorável e coletassem os despojos.

Fitch odiava todos eles. Cuspiu na calçada, acendeu um cigarro e o segurou com força entre os dedos grossos.

José parou o Suburban alugado e reluzente de vidros escuros junto ao meio-fio. Fitch sentou em seu lugar habitual, no banco da frente. José também olhou para o escritório inimigo quando passou com o carro em frente, mas não disse nada, pois seu chefe não tolerava conversa fiada. Eles passaram pelo tribunal de Biloxi e por uma loja de bugigangas supostamente abandonada, na qual Fitch e seus sócios mantinham um complexo secreto de escritórios com piso de compensado e móveis baratos alugados. Pegaram o sentido oeste na Rodovia 90 na altura da praia e avançaram de pouco em pouco em meio ao tráfego intenso. Era sexta-feira à noite, e os cassinos estavam apinhados de gente apostando todo o dinheiro que tinham com planos grandiosos de recuperá-lo no dia seguinte. A muito custo, deixaram Biloxi para trás, atravessando Gulfport, Long Beach e Pass Christian. Então, afastaram-se da costa e, em pouco tempo, estavam passando por uma blitz de trânsito próximo a uma lagoa.

CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Cartada final

O Dossiê Pelicano

Acerto de contas

Tempo de matar

Tempo de perdoar

O júri

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br